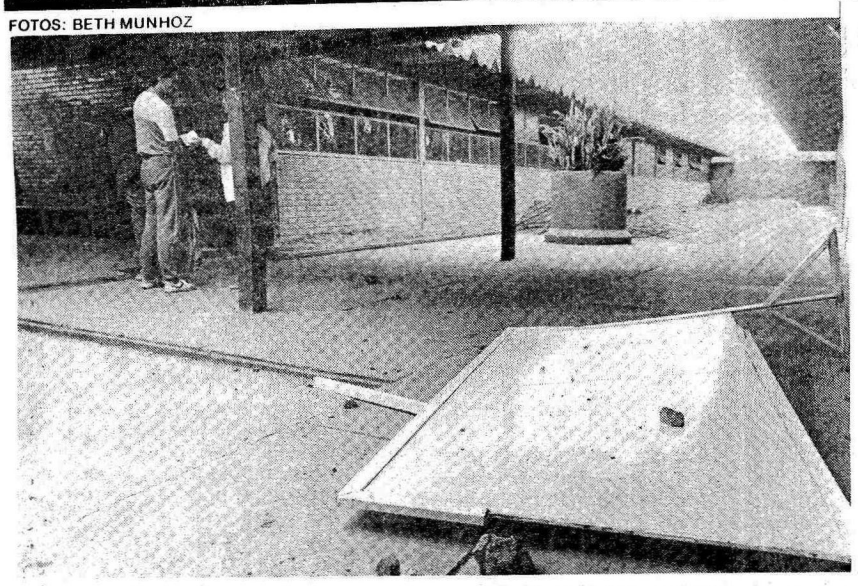
FOTOS: BETH MUNHOZ



O aspecto de abandono é a característica das escolas

A professora Aparecida mostra como os muros são baixos

Escola vive horror na Ceilândia

Pivetes amedrontam professores e até ameaçam os alunos de morte

CATARINA GUERRA
e CRISTIANE RIBEIRO
Da Editoria de Cidade

Um adolescente vestido com uma longa capa preta invade uma sala onde uma turma de crianças pequenas está tendo aula. Pega o diário de classe, joga no chão e começa a pisar em cima. Quando a jovem professora reage, ele diz uns desaforos e abre a capa, ameaçador. Está completamente nu.

Esta cena, que poderia servir de inspiração para o roteiro de algum filme pornográfico, de horror a violência, aconteceu há algumas semanas na Escola-Classe 53, uma das duas bonitas escolas pré-moldadas da Expansão do Setor O. A história é apenas uma do enorme repertório do funcionário da Fundação Educacional, Getúlio Ribeiro, que trabalha na escola das 14 às 18h.

VANDALISMO

Segundo Getúlio, são freqüentes as invasões de salas, de manhã ou à tarde, por grupos de cinco a oito adolescentes. Eles interrompem as aulas das crianças — as duas escolas da Expansão só têm alunos da 1ª à 4ª séries —, expulsam as professoras e ainda ameaçam de morte as crianças, que saem correndo, apavoradas. A partir daí, criatividade é o que não falta às **gangs**, que praticam inúmeros atos de vandalismo, de acordo com o humor do dia.

Colocar as carteiras em cima do teto — tornando impraticável a continuação da aula até que alguém possa retirá-las de lá —, urinar dentro dos filtros ou defecar nos cantos das salas de aula são as práticas mais comuns. As ameaças à diretora e professoras também se tornaram rotineiras, e como elas têm que caminhar um longo trecho a pé até a parada de ônibus mais próxima, com freqüência é preciso improvisar uma escolta com funcionários e serventes para acompanhá-las na hora da saída.

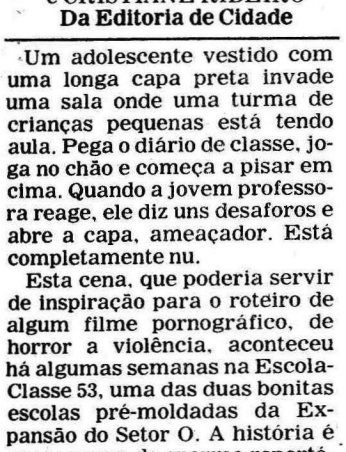
A noite, a falta de telefone e de policiamento na Expansão torna as escolas ainda mais perigosas. Os vigias da Fundação não podem portar armas e, segundo o diretor do Complexo C, Adalberto Duarte Pereira, nenhum quer mais trabalhar nas escolas da Expansão. "Nem os PMs querem vir, quanto mais os coitados dos vigias, que ganham pouco mais que um salário mínimo e nem arma podem carregar", comenta Adalberto. Getúlio afirma que até o policial destacado para ajudar na vigilância foi ameaçado de morte e agora está indo à paisana, com medo.

CRIATIVIDADE

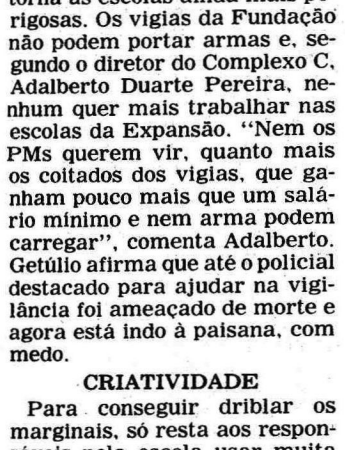
Para conseguir driblar os marginais, só resta aos responsáveis pela escola usar muita imaginação. As máquinas de escrever, por exemplo, há muito tempo não são mais guardadas na secretaria. "Lugar de máquina é na secretaria, então lá é o último lugar em que podemos deixá-las", comenta Getúlio. Ele explica que, logo após o fim das aulas, tem que colocar as máquinas nos banheiros, cantina ou em qualquer outro local, presumivelmente a salvo da ação dos visitantes noturnos.

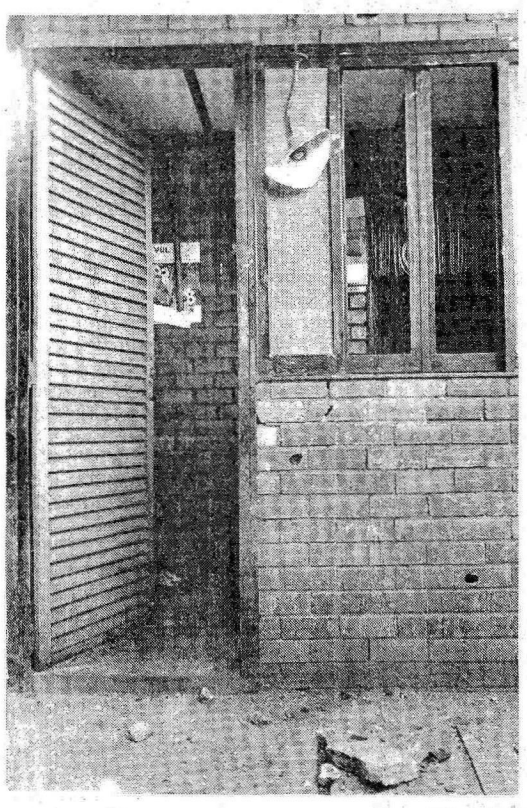
Nem a sirene da escola escapou da ação dos invasores. Depois que ela ficou completamente estragada diversas vezes, a única saída foi instalar uma tomada e ligar na parede toda vez que é preciso tocá-la. Logo após o toque, a sirene volta imediatamente para o armário da secretaria, onde é guardada a chave.

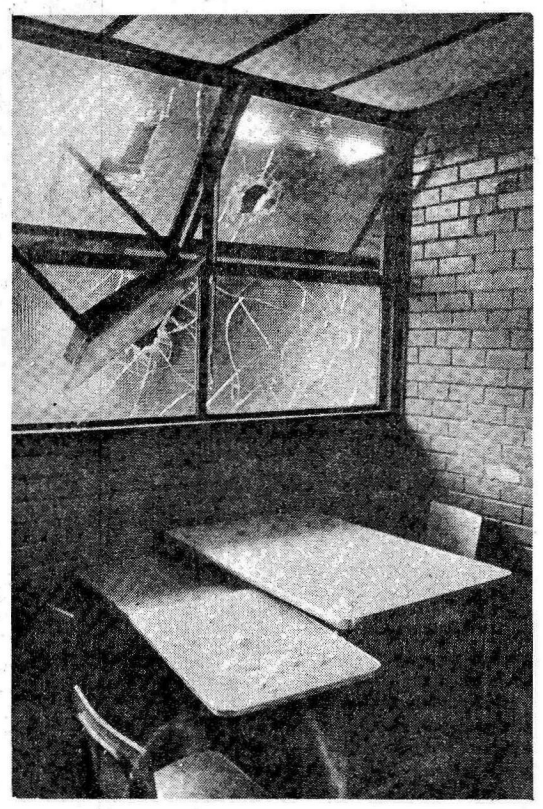
"Nós estamos ameaçados demais aqui. Só continuamos porque precisamos disso para viver", reclama a servente da Escola-Classe 53, Maria do Carmo. Ela conta que, na última sexta-feira, logo que escureceu, um grupo começou a pular no teto e dizer que ia pegar a diretora. Ela e outra colega correram para avisar o vigia, o que fez com que os moleques passassem a ameaçá-las também.



O diretor José Augusto pede uma área de lazer para conter a violência enquanto seu colega Adalberto se preocupa com o fio desemcapado







Nas salas de aula, as marcas da violência que nem a polícia consegue conter

Fragilidade facilita ação

Perdidas na paisagem vermelha de barro e tijolo da Expansão do Setor O, na Ceilândia, as duas escolas da Fundação Educacional chamam a atenção. São algumas das primeiras unidades construídas pela fábrica de escolas da Novacap, bonitas e modernas. Tão modernas que todas as suas peças, pré-moldadas e feitas de argamassa armada, são montadas através de encaixes e presas por nada mais que parafusos facilmente retiráveis. Um prato cheio para as gangs de adolescentes da Expansão, que já elegeram as escolas seu alvo predileto.

"Aqui não precisam mais nem arrombar para levar o que ainda temos. Basta desparafusar", lamenta a diretora da Escola-Classe 55, Joana Célia. Ele conta que as próprias crianças já aprenderam a retirar os parafusos das placas de argamassa, e teme que acabem se machucando ao brincar com elas.

Uma rápida volta pela Escola-Classe 55 mostra outros perigos em potencial para a garotada. Um trecho da instalação elétrica, por exemplo, é mantido ao alcance das crianças, num poste de madeira que pode ser escalado com extrema facilidade por qualquer garoto de seis anos. Para piorar a situação, alguns fios estão descascados. Ao lado do poste, a caixa d'água, também de fácil acesso, é usada diariamente como piscina pelos alunos.

As portas e janelas das escolas pré-moldadas, enfeitadas por bonitos painéis do artista plástico Athos Bulcão, não podem ser lavadas. A menor umidade, incham e empenam. "Como é que você vai protegê-las de uma chuva de vento?", indaga Joana Célia, comentando que diversas portas da sua escola já não fecham.

Mas a diretora não ignora as vantagens das escolas da fábrica, embora critique sua vulnerabilidade.

Na caixa d'água, as crianças improvisam a sua piscina

Novo regimento foi o estopim

Toda a depredação do Centro de Ensino 8 está sendo atribuída pelos professores ao fato da adoção de um regimento interno que estabelece normas de disciplinas e o uso obrigatório da camiseta com o emblema do colégio, a fim de que os alunos sejam identificados e não mais confundidos com os marginais que os assediam diariamente. A camiseta, de malha branca, custa Cz$ 60, e os alunos que não têm condições financeiras para adquiri-la podem pagar à prestação. Assim mesmo a medida causou descontentamento em um grupo de estudantes, "aqueles desinteressados pelos estudos, mas preocupados com **sua gang**".

Na segunda-feira terminou o prazo para os alunos entrarem sem a camiseta na escola e a direção do Centro de Ensino 8 acredita que tudo já estava preparado pois "apareceram rostos desconhecidos", afirma o diretor da escola, João Batista Gonçalves. "Nossa intenção é apenas de proteger os alunos e os professores e achamos que com o uso da camiseta podemos nos identificar melhor", acrescentou.

O professor Adalberto Duarte, diretor do Complexo C, não conseguia se controlar e repetia a todo o momento que a saída para esta falta de segurança nas escolas era a suspensão das aulas do supletivo.

A proposta da suspensão das aulas é aceita, por unanimidade, pelos professores da noite, que se dizem sem condições psicológicas de voltar para a sala de aula.

"Os vigias não querem mais trabalhar nas escolas da Ceilândia, temendo por suas vidas, pois várias vezes já foram ameaçados de morte. Os professores também se recusam a dar aulas sem segurança e os alunos não aprendem nada com este clima", anunciou Adalberto Duarte.

QUINTAS

Ontem, bem cedo, o diretor-executivo da Fundação Educacional, José Silva Quintas, foi avisado do ocorrido e compareceu ao Centro de Ensino 8 ainda pela manhã. Quintas ficou horrorizado com o vandalismo e a depredação do patrimônio público, anunciando que pretende reunir os diretores das escolas da Ceilândia para juntos traçar metas para combater os índices crescentes de violência. O Sindicato dos Professores também foi à escola para apoiar os professores.

A sugestão do professor Adalberto Duarte, de paralisar as aulas e pedir ajuda à comunidade para iniciar um trabalho de conscientização múltipla, foi bem aceita pelo diretor-executivo da FEDF.

Quintas lamentou que a FEDF nada possa fazer, de imediato, para acabar com a falta de segurança nas escolas, apesar de estar em contato permanente com o comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar, coronel Galvão.

Gangs espalham o terror nas salas

Ao proibir a entrada de alunos do curso supletivo sem estar vestindo a camiseta da escola, a direção do Centro de Ensino nº 8, na EQNM 21/23, Ceilândia Norte, teve como resposta uma saraivada de pedras, xingamentos e ameaças de morte por parte de alguns estudantes descontentes e marginais da comunidade durante mais de uma hora na noite de segunda-feira. Eram mais de 100 agressores, a maioria armada com revólveres de grosso calibre. A intenção era linchar os responsáveis pela determinação do uso da camiseta, em especial a professora Josabeth, da área de apoio pedagógico do supletivo.

Eram 19h30 quando tocou o sinal para começar as aulas e o portão de entrada foi fechado, deixando do lado de fora os alunos que não usavam a camiseta com o emblema do colégio e se recusavam a adquiri-la. Nas salas os professores iniciavam a aula enquanto que na direção da escola os coordenadores do curso trocavam idéias para a integração do ensino entre todos os Complexos Escolares. Neste momento uma enorme pedra foi jogada e bateu em uma das mesas. O grupo, composto por quatro mulheres e dois homens, se assustou e fechou a porta, mas simultaneamente ouviu a voz de uma aluna pedindo socorro.

Um dos coordenadores o professor Lunardi, saiu para ver o que estava ocorrendo e, para sua surpresa, se deparou com dezenas de rapazes já dentro do pátio da escola atirando pedras nos vidros das salas e quebrando as carteiras. Lunardi voltou para a sala da direção e telefonou para a polícia, pedindo ajuda. Só que a primeira viatura demorou cerca de uma hora para chegar e assim mesmo teve que retornar à delegacia porque também foi apedrejada. A situação se agravava, com os marginais chegando cada vez mais perto da sala da direção, o que obrigou os coordenadores do supletivo a encostar uma enorme mesa na porta para impedir que fosse arrombada. Os agressores jogaram pedras, esmurraram e deram pontapés na porta de ferro, aterrorizando o grupo e causando pânico em uma professora grávida já com sete meses.

Em uma outra sala, os cerca de 20 professores que davam aulas quando iniciou a depredação, também se trancavam, temendo o linchamento prometido pelos marginais. Só que eles tiveram menos sorte, pois os agressores conseguiram arrombar a porta e tomá-los como reféns, exigindo que os coordenadores se entregassem. Neste mesmo instante, os diretores do Complexo Escolar C, a que o Centro de Ensino 8 está subordinado, Adalberto Duarte, e o do colégio, João Batista Gonçalves, eram avisados pelo telefone mas aconselhados a não se aproximar da escola enquanto a polícia não chegasse, porque eles seriam agredidos pelos marginais.

O medo dos coordenadores aumentou quando os agressores começaram a apredrejar os vidros da sala da direção e a gritar "saiam daí covardes". "Queremos linchar vocês todos". "Agora vocês vão conhecer a realidade da Ceilândia". "Vocês fazem as normas e agora não assumem". "Queremos a Beth e o Lunardi". O terror alcançou o ápice quando podiam ser ouvidos tiros e a professora grávida sentia fortes dores na barriga, temendo pela vida de seu primeiro filho.

Os ânimos só se acalmaram quando a polícia cercou a escola, com seis camburões, cachorros treinados e homens do Batalhão de Choque, fortemente armados. Na confusão, mais de 50 pessoas foram detidas e levadas para a 15ª Delegacia de Polícia. Enquanto isso, outros policiais faziam um cordão de isolamento para proteger a saída dos professores, também ajudados por alunos — tidos como "justiceiros", — que, de arma em punho, acompanharam os professores até seus carros.

A professora Ana Consuelo, coordenadora do ensino Supletivo do Complexo C da Ceilândia, foi uma das que estavam na sala da direção e que por pouco não entrou em crise nervosa. Ela contou que nunca em sua vida havia visto armas tão pesadas como as que eram empunhadas pelos alunos e marginais que invadiram a escola. "A fúria dos agressores era muito grande e pensei que não sairia viva do colégio. Foi uma experiência horrível, mas serviu para os professores do noturno decidirem que não vão mais dar aulas à noite enquanto não houver segurança para suas vidas". A depredação também atingiu vários carros de professores que estavam parados no estacionamento da escola.

Ana Consuelo: medo de morrer com a fúria dos agressores